

Organização  
**Lúcio Antônio Prado Dias**

# Vida



Sociedade Brasileira de Médicos Escritores  
Regional Sergipe

Aracaju-SE



2017

## **Título Original: Vida - I Antologia da SOBRAMES Sergipe**

© Copyright 2017 by SOBRAMES Sergipe

*Sociedade Brasileira dos Médicos Escritores - Regional Sergipe*

Todos os direitos desta edição reservados à Sociedade e aos autores. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucro ou vantagens, com observância da Lei de regência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja clara menção do nome da autora, título da obra, edição e paginação. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

### **Capa e Diagramação**

Joselito Miranda

### **Editoração**

Editora ArtNer Comunicação

### **Organização e Revisão**

Lúcio Antônio Prado Dias

### **Impressão**

Infographics Gráfica e Editora

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

## **Ficha Catalográfica**

D541v	Dias, Lúcio Antônio Prado(Org.). Vida: I Antologia da SOBRAMES Sergipe - Sociedade Brasileira de Médicos Escritores - Regional Sergipe./Lúcio Antônio Prado Dias(Org.) - Aracaju: ArtNer Comunicação, 2017.
	196p.: Il. ISBN: 978-85-96567-24-0
	1.Antologia-SOBRAMES-Sergipe-Histórico I - Título
	2.Médicos-Coletânea CDU:6:82 (813.7)

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária:  
Jane Guimarães Vasconcelos Santos CRB-5/975



# Apresentação

*“A ousadia é, depois da prudência, uma  
condição especial da nossa felicidade”*

*Arthur Schopenhauer*

**A** SOBAMES Sergipe tem o prazer e o privilégio de publicar, pela primeira vez em nosso Estado, uma coletânea de autores médicos sergipanos e de outros estados, como convidados, que ousaram criar, digitar, declamar e narrar trabalhos personalíssimos. São textos inéditos de colegas médicos, que deixaram momentaneamente seus estetoscópios, tensiômetros, bisturis, jalecos, gorros e máscaras e outras equipamentos mais sofisticados, para seguir a trilha da linguagem literária. Expressão magestosa que transfere do cotidiano de anotações em prontuários e receitas, impressos ou eletrônicos, para as páginas de livro, palavras que descrevem narrativas coloridas de vivências e ficções, no momento mágico da crônica, do conto, da poesia e de registros históricos.

Escolhemos para esta primeira Antologia da Sobrames Sergipe o tema VIDA e como médico escritor homenageado o

Dr. José Abud, membro da Academia Sergipana de Letras e da Academia Sergipana de Medicina, “reitor” de uma universidade para a “melhor idade”, trabalho dedicado e permanente que ele desenvolve com seus pupilos. Homenagear médicos escritores nas publicações da SOBRAMES Sergipe é uma proposta que visa prestigiar nossos talentos, ação que já desenvolvemos no Programa Café com Letras, em quatro edições já desenvolvidas até essa data, onde homenageamos, entre outros, os médicos Renato Mazze Lucas e Garcia Moreno.

A primeira Antologia da SOBRAMES Sergipe chega em boa hora e esperamos que ela venha para estimular produções de mais “doutores” escritores.

*Lúcio Antônio Prado Dias*

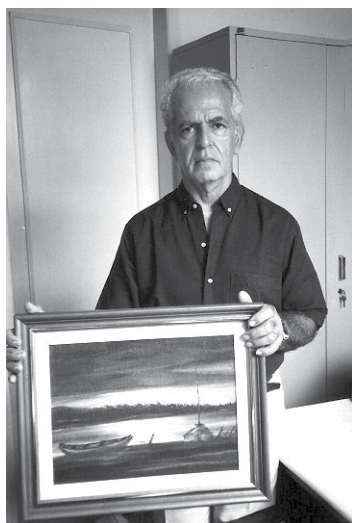
*Presidente da SOBRAMES Sergipe*

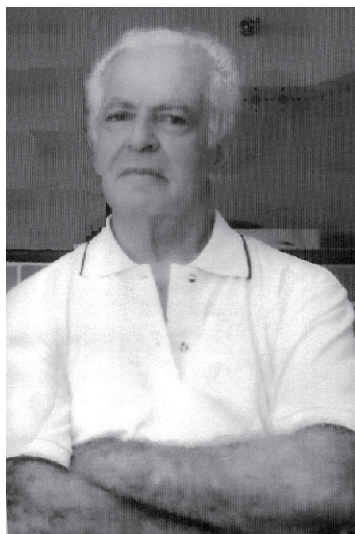




Homenagem ao poeta

*José Abud*





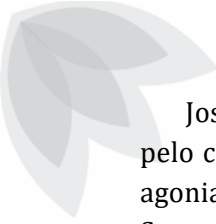
# Eis o poeta: José Abud é seu nome

*(Este artigo serviu de apresentação de uma pequena antologia, extraída dos três livros agora reunidos, publicada na revista MOMENTO.)*

A poesia é, em si, uma surpresa. A poesia de José Abud é uma boa surpresa para Sergipe. O médico, o professor, o nome afamado todos conhecem, mas a poesia ficou por muito tempo recolhida às gavetas, afastada dos olhos dos leitores. Agora José Abud, o clínico, é o poeta que saudamos no alegre saudar das mesmas caminhadas. ALQUIMIA, CANTARES, BEDÚINA, três títulos de livros que aparecerão brevemente em Aracaju, trazendo poesia pura e da mais límpida fonte e a assinatura desse homem acanhado, fechado em sua ciência, ao qual nem todos dão a sensibilidade de um ser cultor da natureza em sua esplendorosa beleza verde.

Pedro Nava com suas memórias em vários livros está surpreendendo a crítica literária brasileira. O escritor maduro, enxuto, rico na narrativa, suplanta o médico de tantas gerações. E a literatura brasileira ganha mais uma figura, cresce, se afirma. É próprio dos médicos tais surpresas, e muitos poderiam estar aqui com seus nomes, todos dignos da citação. Mas ficamos com o José Abud e suas poesias bem apresentadas por Marcos Ferreira, Ariosvaldo Figueiredo, Carmem Vianna.

José Abud é um poeta do seu tempo, tanto pela forma como pelo conteúdo.



José Abud é um poeta do seu tempo, tanto pela forma como pelo conteúdo. Sua agonia diante do mundo é, talvez, a mesma agonia do cliente à beira da morte, diante do grande mistério. Seus poemas sobre a vida de todos os dias, sobre as coisas de todos nós, batem fortes como o som das carpideiras que no desespero da dor sentida remoem os mesmos cantos, tons cansados, vencendo os ouvidos. Mas também o amor, o grande símbolo, o amor, é tema permanente da poética abudina. O social ou o lírico, sempre a mesma força, muito embora concentre sua presença com mais vigor nos pequenos poemas dos três livros, nas sínteses poéticas que consegue, como poucos, realizar.

É gratificante ao anotador de jornais registrar o nascimento de mais um poeta, revelando a sua poesia, dando mostra do seu talento criador, anunciando a sua chegada para conviver na mesma confraria sergipana que antes contava com Abelardo Romero, uma saudade, uma lembrança que revive a todo momento. Os poetas estão nas ruas, versejando a realidade asfixiante e tirando beleza de cantos de sarjeta, com o poder de modificar as coisas aos nossos olhos perplexos pela transformação, surpresos, como surpresos, ficam os que leem José Abud, um novo poeta sergipano.

*Luiz Antônio Barreto*  
da Academia Sergipana de Letras  
*(in memorian)*





## O pensamento de José Abud

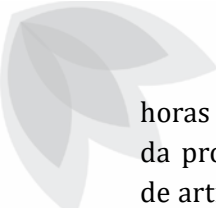
Muitas vezes estamos ao lado de um homem, olhamos e não o vemos intimamente. Dr. JOSÉ ABUD é uma dessas criaturas nobres de espírito. Clínico. Homem sisudo, sempre apressado, como que deseja alcançar um ideal que lhe tenta fugir. Surpreendemo- nos, porém, nos raros instantes em que o ouvimos, onde ele se mostra um profissional consciente e dedicado de coração aos doentes entregues aos seus cuidados profissionais. Sabe ser generoso ao estudar o caso clínico entregue aos seus desvelos.

Tem amor à profissão escolhida.

Interessante é que Abud traz consigo um profundo sentimento de beleza; é poeta, e bom poeta, eterno enamorado da perfeição em comunhão do homem com o ser no conhecimento e no amor das boas coisas da vida. A

**Assim é toda  
sua arte poética,  
plena de atavios  
maravilhosos, de  
um verdadeiro  
artesão no verso  
sentido e perfeito.**

sua poesia é uma linda mensagem das belezas do mundo mágico de seus sonhos, enriquecida de um sentimento de confiança no destino humano. Vamos lendo seus versos e cada vez mais compreendemos a arte sutil do quadro descrito em sua poesia comovendo-nos quase sempre e expressando o pensamento de quem tem algo de bom e bonito a nos transmitir. Assim é toda sua arte poética, plena de atavios maravilhosos, de um verdadeiro artesão no verso sentido e perfeito. Inspiração poética nas



horas de lazer em que o poeta esquece a fadiga da Cátedra ou da profissão, extravasando seu profundo sentimento da alma, de artista. O seu livro é todo um cintilar de paisagem debuxada na pureza da arte poética de raro encantamento. Seu poetar é a confirmação do que escreveu um grande escritor francês: “não esperemos que a vida seja pitoresca, tratemos de vê-la em condições pitorescas”. Essas condições podemos criá-las em nosso ambiente de trabalho, devemos buscá-las e escolhê-las com a certeza de que a encontraremos. O sentimento é tudo, o nome é apenas bulha e fumaça. É assim, limado de luz de poesia, o pensamento de JOSÉ ABUD.

*Marcos Pereira de Jesus*  
da Academia Sergipana de Letras  
(in memoriam)



# Os horizontes de José Abud



**A** poesia não pode perder seu vínculo com o leitor distante. Para que este vínculo permaneça é preciso que o poeta saiba conservá-la como planta exótica.

É necessário que surjam livros como o teu. Descompromissados com qualquer escola, voltados, apenas, para o coração do homem. O homem desconhecido das ruas. O poeta precisa perder-se em si mesmo, para reencontrar-se com seriedade em seu trabalho, em toda sua amplitude vital.

Algumas vezes surpreende, pela suavidade de oleiro amassando argila, para modelar universos como em *O caso*.

Logo depois, sempre fiel a ti mesmo, sem temor, te entregas à explosão de um temperamento vulcânico que os que te amam e são teus ami-

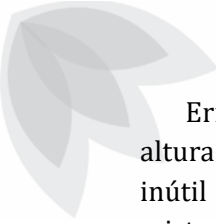
gos bem o conhecem, mas que será surpresa para muitos que, até agora, só viram em ti a indiscutível vocação para a Medicina.

Há muita emoção transparente em *Beduína*, contrariando, talvez, as exigências da crítica literária.

Não te perturbarás com a crítica, eu o sei e todos os que têm o privilégio de te ter como amigo. Antes, retirarás dela o que te parecer útil para melhorar novos livros. Quanto à emoção, tu mesmo te defines, na frase de Montaigne, que escolheste para tua própria apresentação: “Não nos envergonhe dizer o que não temos vergonha de sentir”.

**Seus horizontes  
alargam-se,  
tornando-o  
participante do  
cotidiano.**





Errarão os que buscarem encontrar no teu livro a mesma altura em que te movimentas, há muito, na Medicina. Busca inútil e impraticável. Mas, os que de longa data palmilham os misteriosos caminhos da poesia saberão que, em tempo muito menor, terás definido teu lugar, também como poeta, no cenário intelectual dessa tua terra de mil feitiços...

Em *Beduína* não escreveste, certamente, os poemas definidores que marcarão tua brilhante trajetória. Mas, eu te asseguro que, em tempo algum te envergonharás destes primeiros versos, reveladores de tua espontânea emoção.

Outros livros virão, mais amadurecidos, é certo, com poemas mais burilados, talvez, mas sem força para invalidar este teu primeiro canto.

Já sentes, com certeza, que não pode o poeta permanecer o mesmo, depois que “de sua janela aberta para o mundo” lança teu primeiro livro de versos. Sua coragem liberta-o. Seus versos, como suas próprias mãos, se estendem para a multidão. Seus horizontes alargam-se, tornando-o participante do cotidiano. Responsabilizando-o pelo destino dos homens seus irmãos.

Não te pertences mais. Tua verdade e teus anseios já não são só teus. Deves reparti-los. Todos necessitamos de poesia. E, em a repartindo, terás contribuído para diminuir a inquietude e a angústia que, neste belo e conturbado fim de século, fizeram morada no coração dos homens.

Esta é, hoje me parece, a maior responsabilidade do poeta.

Após ler teu livro posso afirmar com serena alegria: - aqui dentro há uma alma. Vibra uma incomum sensibilidade.

Não sei, Abud, de muitos outros livros de estreia dos quais se possa dizer o mesmo, quando analisados com a preocupação da verdade.

Parabéns! E um grande abraço – muito amigo e gaúcho.

*Carmem Vianna*

Porto Alegre, janeiro de 1978

# A serviço do homem e do seu tempo


**D**izia Voltaire, o qual, para Vitor Hugo, foi o próprio século XVIII, quando uma nação começa a pensar é impossível detê-la. Assim, também, os indivíduos. Não se detém o pensamento, o ser humano que sabe pensar nunca é detido. O pensar certo, lógico, metódico, leva ao fazer bonito. O fazer, nessas condições, crítica ao cotidiano, maneira de transcender a alienação em que cada um vive mergulhado.

Inteligente, sensível, estudioso, José Abud concluiu, um dia, o curso de Medicina. Mas não deixou que o médico asfixiasse o ser humano que sempre foi. E está sendo. A especialização profissional, produto da divisão de trabalho, não conseguiu transformá-lo em vítima entre o pensar e o sentir. Principalmente entre o pensar e o fazer. Seu pensamento não destruiu o sentimento. Sua emoção não castrou a razão.

José Abud, na lição de Aristóteles, ama o que faz. Faz o

**José Abud,  
na lição de  
Aristóteles,  
ama o que faz.  
Faz o que ama.**

que ama. E não tem, na sua aparente esquisitice, a preocupação de saber se discordam ou concordam com ele. É a medida da sua maturidade. Este livro é o produto do seu amor à vida. Amor sem alarido suspeito, sem modelos ortodoxos, sem medo da província preconceituosa que conhece o profissional, mas que ainda não sabe viver o humano. A poesia não esvazia a Medicina. Medicina é ciência e arte criativa, poesia, a própria criatividade. O médico construído não compromete o homem em construção. Pelo contrário. Através da Medicina o homem diagnostica,



também, os conflitos do existir, só quando está voltada para o humano, a Medicina é cântico ao viver, grito de esperança.

É preciso explicar todo livro no contexto social em que ele emerge. O autor vive na província, porém não é provinciano. O médico faz poesia, não receia fazê-la. Cada verso é uma versão. Do ser e do mundo. Seu posicionamento cultural é desmistificador. É a grande validade – e não é a única – do seu recado poético. Todo poeta não é médico, mas seria melhor, para ele e para a sociedade, que todo médico fosse poeta. A serviço do homem de seu tempo.

ALQUIMIA é um recado. Recado comprometido, bem melhor do que o silêncio comprometedor, coloquialismo vivido, de fácil entendimento, jamais eruditismo pomposo, pedante, que a maioria não entende. O autor, do começo ao fim, alheio à perfeição estilística, típica do esteticismo decadente, sem antipático requinte formal, próprio, aliás, dos que fogem da realidade viva, rica, complexa, pedagógica. Ele, conscientemente, não é homem de fugir.

Preocupado com a síntese dialética entre o sentir e o pensar, entre o pensar e o fazer, José Abud nunca perdeu o amor pela vida. Em alguns momentos duvidou disso, mas sua dúvida era e é procura da certeza. Seu amor pela vida, como o personagem de Thomas Mann, o levou à arte. E, através dela, forma de realizar cultura, colocou-se, espiritualmente, contra a “mesquinha verdade superficial da vida cotidiana” (Lukács). O poeta é isso. O homem é ou deve ser assim. A gente gosta do exemplo de Abud. Sergipe vai gostar do seu livro, lição bonita, bonita lição.

*Ariosvaldo Figueiredo*  
da Academia Sergipana de Letras  
*(in memoriam)*